

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis mezes	\$600 "
Para o Brazil, por anno	2\$000 "
Para a Africa, por anno	1\$200 "
Numero avulso	30 "

Annuncia-se as horas das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Antonio de Vasconcellos
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	30 "
Imposto do sello	10 "

Originacs sejam ou não publicados não se restituem.
Annuncios permanentes e communicados
preço convenionado.

A ELEIÇÃO

Ámanhã todo o cidadão tem o dever civico de manifestar por meio do seu voto o que pensa, o que crê e o que julga mais preferivel para a boa e sã administração do paiz.

Não se pretenda que um voto nada influe nos destinos de uma nação e que as responsabilidades só pertencem aos que governam e não a quem vota.

Isto de responsabilidades é já costume antigo alijal-as sobre as costas largas dos governos, não se querendo reconhecer que as causas de muitos erros e desacertos tem a propria origem na criminosa indifferença com que se encaram as eleições, havendo muito cidadão que entende ser mais digno deixar-se ficar em casa que fazer uso do direito de votar, que lhe faculta a lei.

São esses os chamados indifferentes os que deixando correr á revelia o acto eleitoral, veem depois gritar, com indignação postiça e ôcca, que a nau do Estado navega por mares temerosos, coalhados de recifes, sem que ao léme esteja um bom piloto, sem que entre os homens que a tripulam haja um só capaz de a salvar de um naufragio certo e imminente.

E não se lembram os que assim gritam que foram elles, com o seu indifferentismo que concorreram para semelhante estado de cousas, deixando advogar interesses pessoases, engrandecer insignificancias, pôr o arbitrio onde devia estar a justiça e a legalidade, fazem o descalabro das finanças e não querendo saber por fim senão do seu egoismo.

Depois gritam e queixam-se, acontecendo o que succede nos grandes sinistros: todos pedem ordem, sangue frio e presença de espirito e em um momento estabelece-se o pânico, a confusão, não se entendendo ninguém e tratando ca-

da um de sahir incolumne da catastrophe.

Se no caso que tratamos não ha panico, ha pelo menos confusão, o descontentamento das responsabilidades que todos temem na marcha dos negocios publicos e sobretudo a falta de comprehensão dos deveres civicos.

Não bastará pedir ordem é necessario saber-a seguir e pô-la em pratica; não basta dizer que não nos pertencem as responsabilidades dos males que nos afflagelam, é preciso investigar a origem a proveniencia d'esses males e ter a coragem de confessar que todos mais ou menos contribuimos para elles se expandirem, aproveitando o desconcerto e incongruencia da nossa educação civica.

Por consequencia, para que a obra da nossa regeneração seja util e fecunda impõe-se uma orientação muito diversa da até aqui seguida, sendo forçoso que desapareça o indifferentismo, um dos peores males que atrophia a politica nacional.

De ha muito está estabelecido que os indifferentes em materia politica constituem uma percentagem consideravel no corpo eleitoral.

Ora, se esses indifferentes puzerem de parte a sua inercia egoista e concorrerem á urna, estamos persuadidos de que os resultados das eleições terão uma expressão mais generica relativamente ás aspirações geraes do paiz, aspirações que se reduzem a haver ordem e paz entre todas as classes sociaes; bom senso, juizo e methodo nas esferas do poder.

Ainda assim, apesar dos defeitos apontados e que ninguém deixará de reconhecer, estamos esperançados de que das eleições de amanhã resultará pelo menos a manifesta vontade do paiz de não querer que se operem nas instituições, nas ideias e nos costumes essas profundas alte-

rações tão preconizadas pelos partidos avançados, mas que, no estado economico e social do paiz não nos dariam nem venturas nem prosperidades e apenas a incerteza do futuro.

Poderíamos ser mais frisan-tes; mas o que deixamos exposto é o sufficiente para que sejamos comprehendidos pelos que olham mais a realidade do que phantasias, e que são os que tem tudo a perder e nada a ganhar com invocações perigosas.

A acalmção dos partidos

Vêmos com agrado a attitúde dos jornaes monarchicos em frente da propaganda republicana, que nos tem parecido exagerada e até perigosa para os interesses do nosso paiz.

Quando as nossas liberdades se achavam suspensas, não se querendo saber se se defendiam ideias monarchicas ou republicanas, então havia necessidade de que todos se ligassem para acabar com um tal estado de cousas, que punha em risco o sossego e tranquillidade das nossas familias. Mas desde que tudo entrou nas praxes constitucionaes não vemos motivo para que se continue a dizer mal de tudo; quando, demais, vemos o governo desinteressado em politica e a trabalhar exclusivamente em prol do nosso querido Portugal.

A imprensa, que é a luz da civilização, deve collocar-se sempre alheia a propagandas perigosas para o nosso credito, porque é d'elle que nos veur o bem-estar e a honra da nação.

O Sr. Ramalho Ortigão

Este glorioso escriptor acaba de honrar o nosso paiz com um bello artigo intitulado: «*Rei D. Carlos, o Martyrisado*».

De toda a parte tem o brilhante escriptor recebido telegrammas e cartas de felicitação pelo seu notavel artigo, que ha de concorrer para credito e honra da nossa nação.

O *Figueiroense*, no intuito de prestar homenagem ao principe das letras portuguezas, junta as suas modestas palavras de louvor ás dos grandes jornalistas, que sabem dizer com primor o que o illustre escriptor merece.

Casamento illustre

No dia 28 de março ultimo realizou-se em Lisboa o enlace matrimonial do Ex.^{mo} Sr. Dr. Jeronymo do Couto Rosado, dignissimo Delegado do Procurador Regio n'esta comarca, com a Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura de Barros, encantadora senhora de primorosa educação e virtudes.

Suas Ex.^{as} chegaram a esta Villa d'automovel pelas cinco horas da tarde do mesmo dia.

Aos Ex.^{mos} Noivos, dignos da nossa maior consideração, desejamos uma prolongada vida cheia de felicidade.

NOTICIARIO

Estêve n'esta Villa o Ex.^{mo} Sr. José Chartres d'Azevedo, distincto Engenheiro do districto.

De passagem para a Castanheira de Pera estiveram n'esta Villa os Ex.^{mos} Srs. Dr. Abilio das Neves Barreto, d'Elvas e Albino Bissaia Barreto, de Cuba.

Suas Ex.^{as} foram ver sua extremosa mãe que tem estado gravemente doente.

Vae montar-se n'esta Villa uma fabrica para aproveitamento das resinas de pinheiro.

O novo edificio para as escolas d'esta Villa está construido de forma que faz honra ao arrematante. O Sr. Engenheiro na inspecção que lhe fez considerou-o um dos melhores do districto.

LOTERIA

DA
SANTA CASA DA MISERICORDIA
DE
LISBOA

100:000\$000 REIS

Extracção a 11 de junho de 1908

Bilhetes a 40\$000 réis

Vigesimos a 2\$000 réis

A thesouraria da Santa Casa incumbem-se de remetter qualquer commenda de bilhetes ou vigesimos, logo que seja recebida sua importancia e mais 75 réis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 os mais bilhetes inteiros desconta-se 3 p. c. de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 31 de março de 1908.

O thesoureiro

L. A. de Avellar Telles.

O CASTANHEIRO

Eis uma arvore de primeira ordem, que rivalisa, pela madeira, pelo fructo e até pela casca, com as melhores da America, da Africa e da Australia. Todos nós conhecemos perfeitamente o castanheiro, arvore de porte soberbo, opulenta de sombra refrigerante nos dias abafadiços e quentes de verão, com a qual os nossos maiores constituíram magníficos soutos, não havendo capellinha ou ermida, situada no alto dos montes, que não tivesse algumas a ensombrar o adrosinho e os arredores e ás quaes se acolhiam osromeiros, furtando-se assim aos raios abraza-dores do sol.

E' certo que o castanheiro ainda não desapareceu do nosso paiz, mas a sua extincção parece fatal em consequencia da terrivel molestia que o ataca e está dizimando tão preciosa arvore de um modo lamentavel.

No Minho ha sitios em que a sua destruição é já completa, havendo desaparecido os soutos que davam á encantadora paisagem d'aquella provincia um tom caracteristicamente particular. Na provincia de Trazos-Montes tambem a terrivel molestia vai devastando o castanheiro e nas duas Beiras succede o mesmo. A doença, primeiramente circums-crita ao Minho, foi-se extendendo e dilatando, sem ser possível oppôr-lhe uma barreira e sem se estudar as suas causas e os meios de as combater.

Hoje que a molestia está fazendo os mesmos estragos no norte da Hespanhã e já transpoz os Pyreneus, occasionando a morte de numerosos castanheiros, os homens de sciencia occupam-se de tão importante assumpto; estudam, investigam e indagam, e se não conseguiram o triumpho desejado, isto é, um remedio effcaz, como conseguiram para o oídio e o mildio que atacam a vinha, tudo faz prever que o problema se resolverá em grande parte, pois a sciencia possui hoje recursos que antigamente não tinha.

As causas da molestia já são co-

nhecidas; trata-se ainda de uma cryptogamica que ataca as raizes do castanheiro, sugando-lhe a seiva e matando-o lentamente. Nos remedios applicados, um dos que tem dado melhores resultados é o sulfato de ferro. Depois de se fazer uma larga cova em volta da arvore affectada, deita-se uma porção de sulfato diluido em agua, de modo a poder infiltrar-se até ás pequenas raizes. O sulfato de ferro destroe a cryptogamica e d'este modo pôde salvar-se a arvore. E' certo que nos grandes castanheiros, de raizes extensas e profundas, a applicação do remedio não é tão facil; em todo o easo, com algum trabalho e paciencia, pode-se empregar o tratamento. Nas molestias cryptogamicas, como é sabido, os remedios em geral são preventivos. Enxofra-se e sulfata-se a vinha para prevenir os assaltos ou invasões do oídio e do mildio. Depois da vinha atacada, o enxofre e o sulfato de cobre não dão resultado. O remedio é preventivo e n'esse caso effcaz.

Ora querem alguns que, quando se plante um castanheiro novo, se deite na cova o sulfato de ferro mais ou menos diluido em agua, mas não em contacto directo com as raizes. Diz-se que os resultados são excellentes com este processo. E' muito de crêr que assim seja e nas regiões onde o castanheiro é atacado, a experiencia é muito para recommendar.

Devem-se fazer todos os esforços para salvar da extincção completa tão excellente arvore, hoje rara e que, por essa causa e pelo seu preço elevado, está sendo substituida nas construcções pelo pinho, cuja resistencia e duração não se podem comparar com as do castanho. N'outros tempos, as construcções que se faziam eram para seculos; hoje, em consequencia dos materiaes empregados, nem para duas gerações.

Por consequencia, do salvamento do castanheiro, até depende a solidez das nossas habitações, não falando já na perda de um fructo tão saboroso como a castanha, que constitue um bom contingente para a alimentação publica.

Convite importante

Pelo Commando de Reserva de Thomar são convidadas as praças de reserva da arma de Cavallaria residentes n'este concelho, para irem servir no plotão de policia rural de Cabo Verde com os seguintes vencimentos:

Premio de alistamento ..	10\$000
Pret.....	\$085
Subsidio para alimenta- ção e vestuario	\$285
Gratificação.....	\$150
	520

VEJAM!

«Apezar do desmentido official, diz o «Morning Post»—opposto á noticia d'uma intervenção da Inglaterra para não ficarem impunes os auctores do attentado do Terreiro do Paço—não é segredo para ninguem que o Governo inglez, logo depois do crime, pensou em chamar o seu ministro em Lisboa como protesto contra o Decreto d'amnistia geral.

«Tambem é certo que os representantes d'outras potencias intervieram juncto do Governo portuguez, influenciando-o na decizão a tomar a tal respeito.

«Admittida a hypothese de brevemente rebentarem desordens em Portugal, é provavel que a Inglaterra e a Allemanha aproveitem o ensejo para dividirem entre si as colonias portuguezas».

O artigo do «Morning Post» termina d'esta maneira:

«A continuarem assim as coizas e visto o mau estado economico e financeiro de Portugal, este paiz em breve atingirá a banca-rola moral e financeira, tendo por isso que suggerir-se á administração estrangeira».

—Falla bem este «Morning Post». E o peor é que ainda não diz toda a verdade.

Quem sabe se os grandes ambiciosos de todas as côres «politicas e impoliticas» não preferirão a tal «administração estrangeira» e a per-

da das colonias ao não estarem sempre no poleiro da renação?!

Em 1580 foi a Hespanha: ágora veremos quem será, ó grandes «patriotas», do mais agudo sybaritismo?!

Março, 22.

L. M.

Humorismos

—Em vésprvas de eleições
E ninguem falla nas dictas.
—E' que v'em enluctaditas
E, sem outras attracções,
Que int'ressam-n'as coitaditas?

—Mas diz-se que inda promettem
Umas nêspras sem carozo?
—São trinta cães a um ôso
E, como á doida arremettem,
Hão de entregal-o ao mais moço.

—Mas n'esse cazo... loucura,
Porque ante, pouco que nada?
—E' uma tropa esfaimada
Que só busca a chefatura,
Como a estólida alpoitada!

—E se elles se combinassem,
Apezar do «liberalismo»?
—Isso era «o rotativismo»!
Que mil diabos o levassem
A mais o seu «patriotismo»!

—Mas pudiam governar
Com prudente abnegação?
—Pudiam. Mas a ambição
Do que aprendeu a esbanjar
Os «cobres» de uma nação?...

—E não haverá «chacal»
Que trague o monstro vulgar?
—Apenas «o Educar»,
Mas aonde impera o mal
Só se aprende a peorar.

—Mas enfim, as novas Câmaras
Alguma couza farão?
—Sim, diz-se que affirmarão
Que os «pequenos» querem tâmaras,
Mas que nunca as provarão!

—Quer dizer—sem o dizer—
Que não ha «fraternidade»?
—E que o juz da «liberdade»
Nunca foi nem ha de ser
Para a «baixa» sociedade!

E que a divina «igualdade»
Só no cemiterio existe
Que ainda não é tão triste
Como as queixas da «Verdade»
Que á «Perfidia» mal resiste!

L. Malheiros.

FOLHETIM

VDZ CONSOLADORA

IV

Emilia, como permanecesse solteira, continuava vivendo com a mãe. Conta vinte e nove annos de idade, tendo mais seis que a irmã.

De quando em quando ia saber noticias do enfermo, mas pouco se demorava, porque a sua presença era para o cunhado um supplicio.

Não tinha Emilia igualmente uma voz maviosa e até por vezes mais carinhosa e mais consoladora do que a irmã?

Claudino chegava a confundil-a e, quando dava pelo engano, exclamava furioso, com a impertinencia do seu estado doentio:

—Retirá-te! Deixa-me! Tens a voz de Henriqueta, mas não és formosa como ella! Vai! Deixa-nos em paz!

Emilia retirava-se sem recalitrar, sem proferir palavra.

Dir-se-ia insensível á malevolencia do cunhado e á dureza das suas palavras, porque, passados dias, voltava a saber da sua saude.

Emilia desejava ver se o doente era bem tratado, se lhe faltava alguma cousa, se eram sufficientes os soccor-

ros que a Companhia mineira era obrigada a dar-lhe e sobretudo, o que não ousava dizel-o, se a irmã continuava a ser solteira com o marido.

Tinhm decorrido seis mezes depois que se dera a explosão que victimára tantos mineiros, e Emilia notára certa transformação na irmã, parecendo-lhe que Henriqueta se afastava pouco a pouco, por fadiga e aborrecimento do marido inerte, cego e extropiado; que, out'ora tão carinhosa, se tornára impertinente e aspera. Sem duvida havia n'ella qual-quer cousa que a preocupava, porque por vezes, em lugar de responder ás perguntas que lhe faziam, que-dava-se pensativa, como que dominada por sonhos, ao principio fugidios, mas depois mais persistentes.

Que haveria? Emilia, fazia esta pergunta a si propria, mas a resposta era sempre a mesma, dizendo comsigo:

—Sem duvida não é nada; preocupações minhas.

Emilia, porem, não tardou muito a ouvir certos murmurios, que não quiz tomar a serio.

—Não pôde ser!—dizia como querendo rebater o que de quando em quando lhe chegava aos ouvidos—Não pôde ser! Henriqueta não era capaz de praticar semelhante escandalo.

Mas mau é que o povinho comece a murmurar. Em pouco tempo não

havia ninguem, homem, mulher ou creança, que não dissesse que um engenheiro da mina, novo ainda, se mostrava profundamente sensível aos encantos de Henriqueta e que esta escutava complacente as palavras que o engenheiro lhe dirigia.

Havia mais quem segredasse que já foram encontrados os dois a falar como dous namorados. E a corda não parava n'isto, tornando-se as supposições cada vez mais acerbas.

Henriqueta cahira nas linguas do mundo e era evidente que ella por a sua parte dava lugar ao que se murmurava a seu respeito.

Emilia soffria immenso com o que ouvia e bem queria defender a irmã, mas um dia as suas apprehensões tiveram como que uma confirmação ante certas palavras que ouvira de passagem.

Uma mulher dissera para outra:

—Então a Henriqueta sempre abandona o homem?

—Sim, dizem que esta noute vai já ficar em casa do engenheiro. Que es candalo não irá por ahi logo que se soubertudo.

—Quem havia de dizer que aquella sonsinha dava semelhante passo!

—Pois a cousa está para esta noute. —Como o soubeste!

—Muito simplesmente; foi a mulher de recados do engenheiro quem m'o disse. Caluda! Vem alli a irraá!

Emilia ouvira tudo. Queria ainda illudir-se, mas não podia.

O que as duas mulheres disseram não podia admittir a menor duvida.

—Pobre Claudino!—murmurou a irmã de Henriqueta—Bem se diz que uma desgraça nunca vem só! Quem ha de cuidar d'elle? E' preciso que eu vá ter com minha irmã e dissuadil-a do passo que pretende dar e que ainda me parece impossivel!

Emilia recolheu a casa e durante algum tempo permaneceu preocupada, indecisa, como que alheia a tudo que a rodeava.

A mãe, ao vel-a n'aquelle estado, perguntou-lhe:

—Que é isso, minha filha, que tens? Succedeu-te alguma cousa?

Emilia estremeceu ao ouvir a voz da mãe e esteve quasi a contar á pobre velha tudo quanto sabia a respeito de Henriqueta.

Conteve-se porem, dizendo rapidamente comsigo:

—E' melhor que ignre tudo!
E elevando a voz, respondeu:

—Não me succedeu nada, minha querida mãe.
—Como te via tão pensativa...
—Não admira; um momento de melancolia, mas que já passou.
A mãe não lhe fez mais perguntas e entretanto Emilia dizia comsigo que o dever a obriga a ter uma explicação com a irmã.

(Conclue).

ARREMATACÃO

No dia 7 do corrente, ás 11 horas da manhã, realisa-se na estação d'esta villa a condução de malas do correio entre Figueiró e Pombal.

Pitada anti-republicana

«A delação, diz o «Temps», é lépra de todos os tempos, mas floresce agora em França d'um modo particular desde o ministerio Combes. E' sobre tudo nas provincias que ella exerce o seu officio.

«O funcionario publico é alli espiado, seguido e denunciado pelos politicos da circumscripção que se arrogam o cargo de «limpadores» da república.

«Tudo se dobra, tudo quebra perante o «delegado administrativo», que muitas vezes não é mais que um candidato a funcionario, contando sobre tudo com as suas delações para «abichar» o lugar do vizinho.

«Conhecemos nós—nós o «Temps»—n'uma capital de cantão, um d'esses «delegados», que junctava a esta função officioza a de tendeiro e que denunciava ao poder os funcionarios que se forneciam da loja do seu competidor.

«Assim a tenda, ou havia de ser socialista radical, ou não tinha direito nem razão de existir.»

—Aprendam a ser liberaes, socialistas e radicaes á franceza—aqueles que ainda o não são—se querem ser bons cidadãos e bons rrepublicanos.

L. M.

Estatistica

Aos que pensam e dizem que os cofres publicos das outras nações europeias se acham repletos d'ouro —e muito principalmente os da França, como ainda ha pouco ouvimos—aprezentamos a seguinte Estatistica ingleza, d'onde se vê que só as infrascriptas treze devem a bagatella de 5.960 milhões de libras, assim distribuidas:

Table with 2 columns: Country and Libras. Rows include França (1.087.080.000), Rússia (918.360.000), Alemanha (840.000.000), Inglaterra (789.000.000), Italia (620.000.000), Austria (449.000.000), Hespanha (365.960.000), Hungria (230.400.000), Rumania (217.400.000), Portugal (160.000.000), Hollanda (4.800.000), Turquia (94.800.000), Belgica (93.200.000), Total (5.960.000.000).

Nos outros paizes da Europa a divida publica de cada um não excede a 40 milhões de libras.

Pelo que nos diz respeito, temos que 160 milhões de libras são apenas uns 720 mil contos de reis que —se a tal Estatistica não mente—é quanto Portugal deve.

A pena de morte

Depois d'esta pena defendida, atacada e abolida em França, diz agora o sr. Lacassagne que ella a «pena de morte» é absolutamente necessaria, porque sem a «sobrédicção» é impossivel debellar-se o crime que d'anno para anno cresce a milhares, etc. etc.

Assim em 1904 houve em França 23.486 crimes, e em 1905, 26.751 ou 3.265 a mais!

Mas provirá isto só da abolição da pena de morte? Parece que não.

Na Inglaterra a média dos assassinatos é de 200 por anno; na Italia de 4.000, e na Russia de 15.000!

Ora, estando a pena de morte em pleno vigor n'estes trez paizes, parece que o fabuloso augmento annual do crime em França não deve provir sómente da recente abolição da supradicta pena, mas sim—e muito principalmente—dos maus ensinamentos publicos e particulares feitos nas escolas, nos comícios, nas praças publicas, etc. etc.

«Em vez d'ensinarmos a temer a morte, dizia Lamartine, ensinemos a viver e a respeitar a vida».

Bom ensino

Na America do Norte acaba de ser decretado obrigatorio para as escolas primarias o ensino dos males que resultam do alcool e do tabaco.

Esta America do Norte está provando ao mundo que sabe da «Coiza» e quer uzar d'ella: porque emfim, «saber e não uzar», é o mesmo que não saber.

E esta?

Todo o homem é guitarra Tocada pela mulher: Quando ella o sabe afinar Faz d'elle tudo o que quer.

Fernandes Costa.

—Eis aqui uma grande verdade, verdade que a mulhier ainda não viu ou não tem querido ver.

L. M.

Palavras anacyelicis

—Aos curiosos—

- Salamina—Animalas. Saías—Salas. Salé—Elas, ellas. Salem—Melas. Salles—Sellas. Salina—Anilas. Saliva—Avilas. Sama—Amas. Samil—Limas. Samora—Aromas. Samos—Somas. Sanicula—Alucinas. Sapa—Apas. Sapal—Lapas. Sapa—Rapas. Sapôr—Rôpas.

SECÇÃO RECREATIVA

Phrazeadas

- 1—No Crato e aqui ha mollusco---1.1. 2—Na Belgica o tecido é deuzza---1.2. 3—Aqui na Pampilhosa ha habitação---1.1. 4—No cinzel e na gula o tecido é cordão---1.1.1. 5—A ilha suspende o homem---1.1. 6—E' generosa na muzica a calha---1.1. 7—O homem suspende a letra---1.1. 8—Este jogo é cidade, moça---2.2. 9—O adverbio, animal, é prezunto---1.1. 10—Este fructo no barco é animal---2.1.

Do Correr da Pend.

Laura Moret.

- 11—Agora a gruta é planta---1.2. 12—N'esta ilha vi um animal---2.1. 13—Além a serra é lamaçal---1.2. 14—A fazenda e a bebida é barco---1.1. 15—O homem e a bebida é chacha---2.1.

Maria Naya.

16—E' fiel e gratuito o assúcar---2.2. 17—O vello e o solo é barco---1.1. 18—Na muzica, na muzica e na muzica é homem---1.1.1. 19—O cajado é pão, homem---1.1.

L. Malheiros.

20- A A A A A A A A L S S L R R R R L V V L R F F R A A A A A A A A

Decifrações do n.º anterior

- 1--Sino; 2--Zedoaria; 3--Sorvado; 4--Patola; 5--Soffa; 6--Sol e dó; 7--Tatajuba; 8--Sobala; 9--Arruaça; 10--Pardal azul; 11--Logotheta; 12-- S O A N S A N A O R C A A L E N A C R O N E L A N A O S A N A S

—O sr. Malheiros decifrou os numeros 1 a 8 e 12. D. Laura Moret 1 a 3, e 5 a 7. E D. Maria Naya 1 a 7 e 10 que accuza a recepção do «pardal azul ou Moret».

ANNUNCIOS ADVOGADO Marcolino da Silva

Escritorio ao lado do deposito do Tabaco, propriedade do Sr. José Manuel Godinho, aonde pôde ser procurado todos os dias das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

BARRACÃO

Aloga-se um muito proprio para palheiro e deposito de madeiras sito na rua da Cadeia d'esta Villa. Quem preten.er dirija-se a esta redacção.

ANNUNCIO

Faço saber que no dia 5 do proximo meç de abril por 11 horas da manhã, á porta do Tribunal judicial d'esta comarca, se ha de arrematar em hasta publica a quem maior lanço offerecer, o prédio abaixo indicado, penhorado nos autos de execução de sentença commercial que José Simões Baião, d'Arega, move contra Joaquim Godinho, da Foz d'Alge, a saber: Umás tanchoeiras e pinheiros no sitio dos Catapreiros, limite da Foz d'Alge, que pela segunda vez vae á praça em metade do seu valor 2.500 reis. São citados quaesquer credores incertos. Figueiró dos Vinhos, 28 de março de 1908.

O escrivão do 1.º officio Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei: O Juiz de Direito João Ribeiro.

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escrivão do 2.º officio, correm editos de trinta dias, citando o interessado José Freire, solteiro, maior, auzente em parte incerta no Brazil, a fim de assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de sua tia Angelica de Jesus, moradora que foi no logar do Olival, freguezia de Aguda.

Figueiró dos Vinhos, 17 de Março de 1908.

Verifiquei: O Juiz de Direito João Ribeiro.

O Escrivão Joaquim Antunes Ayres Buraca.

O abaixo assignado vende a casa que possui na rua do Relogio d'esta Villa e um prédio rustico que tem no sitio do Portellão, que se compõe d'arvores diversas e terra de pão com agua de rega. Quem pretender dirija-se a

Adjucto Pereira Mendes.

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE SÃO ANTONIO DOS MILAGRES EE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

Pedidos directamente á fabrica.

FABRICA DE SABÃO

EM PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem já á venda por grosso, todas as marcas de sabão uzadas até hoje.

Qualidades garantidas a preços resumidos.

Os proprietarios José Henriques da Silveira & Silva.

HOTEL CUNHA

AOS visitantes d'esta fermosa Villa, se recommenda o Hotel Cunha pelo seu bom tratamento, boas accomodações e esmeradissimo asseio.

Preços convidativos.

O Proprietario João Pedro Godinho FIGUEIRÓ DOS VINHOS.

Nota.—Este «Hotel» fica proximo da Alquilaria do Sr. José Teixeira d'Araujo.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2:183. Telegr.º

«Leque» — LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciaes, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espólios, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunaes superiores.

Pendencias, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões, e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

Recebimentos, de dividas, rendas, fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Annuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

Assiguaaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.º — R. Nova do Almada, 111 a 218.

Paiva Irmãos — Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.º) — R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retozaria) — R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho — R. de S. Paulo, 188.

Joaquim Pires Mendes — R. dos Bacalhoes, 28.

Jeronimo Martins e Filho — R. Garrett, 13 a 19.

Alfonso de Barros & C.º — R. Augusta, 72 a 79.

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisalo da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

PROVINCIA DA EXTREMADURA

LEIRIA, SANTARÉM E LISBOA

Mappa chorographico d'esta provincia cuidadosamente elaborado pelo capitão do exercito hespanhol D. Benito Chias y Carbo

E' uma obra perfeita e de absoluta necessidade para os que desejem conhecer esta provincia com seus districtos, os quaes são impressos em lindas côres, com as suas vias de communicação, os seus rios, as suas montanhas, as suas povoações, tudo isto perfeitamente disposto e impresso a nove côres, permitindo encontrar-se com facilidade o qonto que se procura.

Este mappa é feito segundo o systema da Commissão de Serviços Geodesicos Portugueza.

E' portatil, dobrando-se e reduzindo-se á oitava parte do seu tamanho, para o que é reforçado com uma

bella tela de linho, cujo involucro em fórma de livro, o torna ao mesmo tempo uma elegante e primorosa edição.

Preço 400 réis. Pelo correio 420 réis.

A collecção das provincias do continente, ilhas dos Açores, colonias africanas e India, que se compoe de 18 livrinhos, custa 4\$800 réis. Pelo correio 5\$000 réis. Mappa de cada provincia 400 réis. Pelo correio 420 réis.

Do mesmo systema ha tambem o mappa geral que abrange Portugal e Hespanha por 1\$200 réis. Pelo correio 1\$230 réis. E ainda o mesmo mappa em folha inteira e sem tela, proprio para salas, escriptorios e escolas primarias por 300 réis. Pelo correio 630 réis.

Todos os pedidos, sempre acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a Eugenio Moreira — ARGANIL.

HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOAO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Campanhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS

Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, escrupulizando-se no aceio.

PREÇOS MODICOS

Atenção!—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepcionaes para esta terra.

— CAZA DO BARATEIRO —

Esta caza commercial, situada por baixo do **Hotel Commercial**, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

Na **CASA DO BARATEIRO**, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

Eia pois! Ide á loja do **Barateiro**, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.

NA LOJA

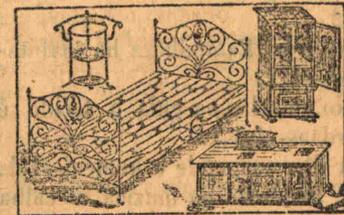
DOS

QUATRO GLOBOS

FIGUEIRO DOS VINHOS

N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000, ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relogios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.



Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a lóaa]qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjam m A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

DEPOSITO DE TABACOS

E

PHOSPHOROS

Agencia de vendas para a circumscripção que comprehende os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Venda de todas as marcas de tabaco picado, cigarros e charutos da tabella da Companhia.

Charutos estrangeiros das acreditadas marcas «La Casa», «Mignon», «Melitas», «La Mar» e outras para 50, 60, 80 e 100 réis.

Descontos aos possuidores de licença de venda.

Correspondente de diversas casas bancarias.

Cobrança de letas sobre todas as terras do paiz e pagam-se saques do Brazil e Africa, cheques sobre Londres e outras praças no estrangeiro.

Seguros contra fogo.

Agencia da Companhia de Seguros «Tagus».

José Manuel Godinho.